

Bandeirantes e indígenas na construção do Monumento aos Bandeirantes em Goiânia (1938-1942): representações e narrativas em conflito¹

Jordanna Fonseca Silva - UnB

Resumo

Com base no arquivo “Coleção BAND”, é possível propor uma reflexão acerca das representações dos bandeirantes e dos povos indígenas durante o período de ereção do Monumento aos Bandeirantes na nova capital do Estado de Goiás, unidade federativa do governo brasileiro. Posteriormente, veremos como este Monumento é lido pela composição urbana contemporânea.

Este Monumento foi idealizado por elites paulistanas entre os anos 1938-1942 menos de uma década após a fundação da nova capital, Goiânia, que ocorreu em 1933. A Campanha Pró-Monumento revela indícios de uma autorrepresentação nacional (PACHECO DE OLIVEIRA, 2015) dos bandeirantes firmada nas concepções heroicas de desbravadores do sertão, sempre os exaltando ao patamar mitológico de “deuses do gibão e couro” (Coleção BAND, 1938). Já os indígenas são vinculados à natureza, ao primitivismo do vazio inexplorado do “sertão”. Essas representações foram elaboradas por intelectuais, acadêmicos, políticos e sobretudo catedráticos das universidades e instituições culturais, tais como museus, Instituto Histórico e Geográfico, entre outras. Salta aos olhos seu pertencimento ao âmbito cultural paulista, mas também carioca, à época capital federal do país.

O Monumento aos Bandeirantes é tombado, pela lei municipal, como patrimônio da cidade de Goiânia. Não há em curso processos de destombamentos. Todavia, inscrevem-se na estátua novas narrativas que pretendem ganhar força no espaço urbano, nas formas de pichações, inscrições, manifestações políticas e simbólicas (como atear fogo próximo à estátua). Ademais, o movimento indígena da cidade, em geral atrelado ao movimento estudantil, mobiliza atividades para reclamar o fim da homenagem ao bandeirante, proclamando: “Derruba o Bandeirante!”.

A estátua, atualmente, encontra-se ilhada entre avenidas de grande circulação viária, que abrigam o BRT Eixo Anhanguera (leste-oeste) e o novo BRT em construção (Norte-Sul). Nesse sentido, a aproximação física da estátua é possível apenas em momentos de protestos ou mobilizações sociais (como o carnaval). Ícone da cidade até o final dos anos 1980, a estátua aparece como símbolo da nova capital, pioneira da modernidade no planalto central.

Pretendemos discutir, portanto, as representações dos bandeirantes e dos indígenas no período de ereção da estátua e refletir sobre os novos usos e apropriações deste patrimônio tombado realizados pelos/as cidadãos/ãs de Goiânia.

Palavras-chave: Monumento aos Bandeirantes; indígenas; representações.; Goiânia.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Introdução

Nesta comunicação pretendo descrever e analisar as representações dos povos indígenas² e, principalmente, dos bandeirantes elaboradas pelos agentes envolvidos na construção do Monumento aos Bandeirantes. Essa escolha surge em virtude dos dados disponíveis. Os nativos são colocados em contraponto aos paulistas³; os gentios aos cristãos; os da floresta virgem aos criadores de cidades. O misterioso, oculto, em contraponto aos homens rudes⁴; os habitantes da terra aos povoadores dos sertões⁵; os que viviam em desconforto⁶ aos que prezavam pela civilização. É interessante analisar tais representações e narrativas, pois elas se colocam de modo a mobilizar argumentos sólidos o suficiente para legitimar a criação da estátua ao *Anhanguera*, ainda hoje localizada na Praça dos Bandeirantes, no centro (histórico?) da cidade de Goiânia, a nova capital do estado de Goiás, no centro-oeste brasileiro.

O acervo selecionado para construção dos dados é a Coleção BAND – Monumento aos Bandeirantes, organizado pelo Centro de Informação, Documentação e Arquivo da Universidade Federal de Goiás. O acervo foi doado pela família Cunha Bueno, em 1987, e figura como patrimônio da cidade desde então, com ato de doação realizado na Faculdade de Direito da UFG. O acervo é composto por recortes de jornais com fotografias e notícias, cartas, telegramas, decretos-lei, orçamentos, em sua maioria. Desde 2009, se encontra no Setor de Arquivo da Universidade para tratamento arquivístico e preservação. Data nos documentos que a ideia de construir o monumento surgiu de Antônio Sylvio Cunha Bueno, acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, numa visita realizada em 1938 pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, a convite do interventor federal em Goiás Pedro Ludovico Teixeira.

A Coleção BAND fornece os documentos digitalizados e disponibilizados virtualmente pelo CIDARQ/UFG, com informações principais, bem como com uma primeira catalogação e divisão dos arquivos de acordo com seu tema, principalmente. Desse modo, as notas fiscais estão na série das finanças, assim como os discursos de conferências estão na série de eventos promovidos. Esse trabalho realizado pela equipe

² Os povos indígenas são mencionados como “índios” e suas denominações, tais como javaés e carajás (172); ou ainda a “conquista dos índios araés” (180).

³ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 161.

⁴ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 139.

⁵ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 91.

⁶ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 161.

da unidade desta Universidade dinamizou o processo de leitura e análise textual realizado por mim.

Para organizar a exposição, primeiramente, sempre a partir dos documentos, traremos uma versão breve da história que antecedeu a ideia de construção do Monumento, com as viagens da Embaixada Universitária Paulista para o interior goiano, com vistas ao conhecimento do estado central, com a homenagem ao último bandeirante, para enfim chegar às Campanhas Pró-Monumento aos Bandeirantes em Goiânia, que ocorreram em território paulista e goiano, ao longo dos anos 1938 e 1942, com apoio de cidades goianas, paulistas, mineiras e da então capital federal, Rio de Janeiro. Em seguida, discutiremos alguns apontamentos contemporâneos, tais como releituras a partir de novos usos e apropriações do monumento feitos pelos agentes urbanos, cristalizados em imagens de protestos sociais, obras artísticas, entre outros.

O acervo documental: Coleção Monumento aos Bandeirantes

Etimologicamente, a palavra documento, do latim *documentum*, deriva de *docere* (ensinar) e está relacionada à noção de testemunho, de algo que ensina a alguém alguma coisa. Porém, essa produção documental não é natural, sendo, em certo sentido, forjada pelos grupos de interesse que nela investiram: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LEGOFF, 1996: 545). Assim, o documento não traduziria um fato histórico em si mesmo, devendo ser indagado, analisado, questionado, criticado, a fim de arrancar suas máscaras e buscar a *verdade* histórica para além das datas, personagens, eventos etc. Esta perspectiva vai ao encontro da afirmação de Foucault (1987: 8) de que os problemas da História, enquanto ciência, em síntese, consistem no “questionar o documento”, diferentemente da escola positivista que via no documento a prova suficiente do fato histórico (LEGOFF, 1996).

É nesse sentido que a neutralidade desses fatos é questionada ao se deparar, por exemplo, com acervos doados por famílias, elites político-econômicas locais, com pretensões coletivas de construir a *memória da cidade*. De certo modo, supor que objetos que pertenceram a uma família, a um conjunto muito restrito de uma sociedade, dizem ou fazem referência ao passado comum parece uma narrativa enviesada, controlada ou minimamente limitada.

No caso do acervo documental sobre o Monumento ao Bandeirante, é possível perceber a persistência dessa relação entre memória individual e memória coletiva. O acervo foi doado pela família Cunha Bueno, como já foi dito, e se coloca como arquivo de origem da cidade. Consiste em patrimônio da Universidade Federal de Goiás desde 1987.

Nesse contexto, é válido notar que:

Os monumentos, com algumas exceções, geralmente representam a memória das elites de uma determinada sociedade. (...) também nos relevam as disputas simbólicas e os grupos que disputam esse poder simbólico (...); revela-nos quais memórias são rememoradas (dos ‘vencedores’) e quais são esquecidas (dos ‘vencidos’); revela-nos quais grupos integram a ‘história oficial’ e quais são ‘excluídos da história’. (BATISTELLA, 2014: 155, grifos meus)

Em seu contexto de elaboração e erguimento (1938-1942), o monumento tinha como objetivo promover no território goiano, sobretudo em sua nova e moderna capital, o mito do bandeirantismo acoplado às novas configurações governamentais da ditadura Vargas (1937-1945) e suas políticas nacionalistas de interiorização levadas a cabo pela Marcha para o Oeste. Nesse contexto, o bandeirante, figura fictícia de uma personagem histórica real, é manipulada como ícone da identidade paulista e se projeta nacionalmente, como símbolo também da identidade nacional. Seus atributos são positivamente inscritos de modo a glorificar os desbravadores, agentes coloniais, corajosos homens responsáveis pela expansão territorial brasileira (DINIZ FILHO, 1993; RIBEIRO, 2006).

A viagem da Embaixada Universitária Paulista a Goiânia e a homenagem ao último bandeirante

Formada por estudantes e professores da Universidade de São Paulo, em janeiro de 1938, a autodenominada Embaixada Universitária Paulista se dirige a Goiânia para conhecer o estado central. Nessa viagem planejaram uma homenagem a Hermano Ribeiro da Silva, considerado pelos documentos como o último bandeirante⁷. Nesta seção, narraremos as homenagens prestadas a Hermano pela Embaixada, mostrando os agentes e instituições acionados para legitimá-las, dando destaque às falas sobre as bandeiras e a “História do Sertanismo Moderno”.

⁷ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 31.

Mas, afinal, quem foi este homem? Hermano Ribeiro da Silva, “igualmente loiro e igualmente esguio”⁸, foi um acadêmico da Faculdade de Direito da USP e redator da “Folha”. Escreveu sobre o Serviço de Proteção ao Índio e um livro sobre a Expedição ao Araguaya.

Uma das primeiras contribuições de Hermano foi uma reportagem sobre o serviço de proteção aos índios, provocada, na aparência, pelo aparecimento, nas ruas da capital, de uma família inteira de selvícolas, mas intimamente traduzindo e revelando inclinações que vieram mais tarde a constituir o grande objetivo da sua vida.⁹

Considerado um “pioneiro intemorato de um Brasil cada vez mais vasto e mais forte”, foi homenageado pelo jornal “O Estado de S. Paulo” e pela mocidade da Faculdade de Direito da USP com uma placa em pedestal na entrada do Palácio do Governo de Goiás. Hermano, que “tombou em plena luta”¹⁰, era, de acordo com Enzo da Silveira, representante dos Institutos Histórico e Geográfico de Santos e São Paulo:

Um destes bandeirantes modernos, aquele que tinha a alma embalada pelo ideal de verdadeiro conquistador e que encarnou a personalidade do bandeirante audaz e intrepido, que não recuava, não retrocedia e não trepidava ante o imprevisto, era Hermano Ribeiro da Silva, que nesse mesmo sertão do Araguaya, onde tantas leguas palmilhou, embalado pelo sonho de sertanista audaz, haveria de roubar-lhe a existencia! Mas, estava assim escripto fortemente no livro do destino. O sertanista jaz para sempre em Leopoldina, à beira do Araguaya (...).¹¹

Hermano morreu em 24 de novembro de 1937, após ter partido em 23 de julho de 1937 rumo ao Oeste. À semelhança dos “bandeirantes da prata e das esmeraldas, Hermano, por um estranho mysterioso designio não viu o seu sonho convertido em realidade. Quando a victoria já se avizinhava de sua bandeira a maleita o atraiçooou e o venceu”¹².

⁸ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 175.

⁹ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 5, Dossiê 2, Item 1.

¹⁰ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 9.

¹¹ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 180.

¹² Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 12.



Para o dr. José Torres de Oliveira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, falando pela Rádio Bandeirante, Hermanno fora “um herói no sentido verdadeiro da palavra”:

Para consecução de seus alevantados fins, para a realização de seus nobres ideaes¹³, não recuava diante de obstaculos algum, por mais ingente* que *. Parecia gozar* antecipadamente as agruras do emprehendimentos que se abalançava. A propria morte parecia lhe sorrir como a suprema recompensa de seus patrioticos esforços.¹⁴

A construção deste herói moderno perpassa elementos do trágico e do heroísmo, dos martírios e das façanhas do homem não-humano. Essa construção busca fazer com que a posteridade se orgulhe e para isso busca a glorificação do personagem em atos, eventos, homenagens, discursos, encontros, palestras, jornais, livros, rádio, monumentos... Essa fabricação de heróis nacionais, com ideais de civismo, liberdade, patriotismo, busca forjar sentimentos e elementos de identidade coletiva (RODRIGUES, 2003), realizando para isso um “trabalho de edição” (ZIMOVSKI, 2017), que procura trazer uma narrativa singular dos mitos e heróis, a fim de cristalizar versões oficiais dos acontecimentos históricos, o que acarreta no perigo da história única (Adichie apud ZIMOVSKI, 2017).

¹³ Trechos não identificados nos documentos.

¹⁴ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 29.



**A VISITA A GOYANIA DA CARAVANA
DE ESTUDANTES PAULISTAS
EXPRESSIVA HOMENAGEM A HERMANO RIBEIRO DA SILVA**

Figura 1 - Série Viagem da Embaixada Universitária Paulista, Subsérie 1, Dossiê 4, Item 18.

A visita da Embaixada Universitária a Goiânia, já narrada anteriormente, rendeu homenagens a Hermano Ribeiro da Silva. No dia 24 de janeiro de 1938, entre os vinte dias que a Embaixada esteve em Goiás, visitando suas cidades, a prefeitura de Anápolis ofereceu aos estudantes um banquete, ocorrido no Club Recreativo Anapolino, que contou com a presença do dr. Pedro Ludovico Teixeira. Ali prestaram homenagem ao bandeirante Hermano antes do início da festa, expondo no salão do Clube um retrato do sertanista, “illustre paulista, o bandeirante (...) falecido no termino da viagem da ‘Bandeira Anhanguera’, no alto sertão de Goyaz”¹⁵.

Dessemelhante aos bandeirantes do séc. XVIII, os sonhos de Hermano “não tiveram o reflexo do branco da prata, nem do verde esperança das esmeraldas, nem do amarello fascinante do ouro. Foram diferentes. Mas nem por isso menos heroicos”¹⁶, foram até maiores, devido ao “cunho humanitário” que os caracterizava. O que teria feito Hermano no sertão goiano? Qual sua finalidade? Responde-nos, dr. Hermes Vieira, pela Rádio Bandeirante, enquanto evocava a população a apoiar o “louvável empreendimento” de erguer um Monumento aos Bandeirantes em Goiânia:

Sim. Hermano adentrou-se pela mata para arrebanhar em varias nações indígenas do "hinterland" não só as expressões do falar dos selvicolas, como também os seus múltiplos e curiosos petrechos, os seus elementos de arte, de adorno, de guerra, de uso doméstico, com os dados elucidativos das vidas e das origens de seus proprietários, *afim de contribuir para o enriquecimento do Museu Etnographico Paulista*. E, além disso, tinha Hermano a desenvolver um outro sério problema resultante destas conquistas: era o de *estudar-se a possibilidade de civilização desse gentio com a nossa adaptação*, de acordo com o que elle observasse, até que os captivassemos e pudessemos depois mostrar-lhes as bellezas do espírito. *Tudo isso* constituia o legado preciosissimo de Hermano Ribeiro da Silva *para o engrandecimento do Brasil*.¹⁷

Pela fala anterior, podemos considerar que Hermano era um antropólogo antes da antropologia crítica, pois tinha uma ideia civilizatória encrustada em suas intenções. Isso

¹⁵ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 1, Dossiê 1, Item 6.

¹⁶ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 12.

¹⁷ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 12.

significa dizer que seu papel era o de estudar os modos de vida indígenas, buscar contato, fazer trocas para enriquecer com artefatos o Museu Etnográfico Paulista, com planilhas de documentos à Academia, curiosa sobre os “diferentes”. Queria transformar o “gentio”, o “selvícola”, em civilizado, adaptá-lo ao modo de vida ocidental, trazê-lo à modernidade. Tudo isso para “o engrandecimento do Brasil”.



Figura 2 - Coleção BAND..., 25 mar. 1938.

Em 25 de janeiro de 1938, “Dia de São Paulo”, ocorreu a cerimônia de colocação da placa, num “majestoso pedestal” em frente ao Palácio do Governo de Goiás, para “perpetuar a memória do bravo sertanista”¹⁸ Hermano Ribeiro da Silva, levada de São Paulo para Goiânia. Confeccionada pelo jornal “O Estado de São Paulo”, a placa seguia com a seguinte inscrição: “A Hermano Ribeiro de Silva pioneiro intemorato de um Brasil cada vez mais vasto e forte, o jornal ‘O Estado de São Paulo’ e a mocidade acadêmica de direito, trazem a homenagem e a gratidão da terra de Piratininga. Janeiro de 1938.”. O pedestal para a placa foi garantido por Jeronymo Coimbra Bueno, engenheiro responsável pelas obras na cidade de Goiânia. A placa foi fixada na Avenida Araguaia, em frente ao Palácio do Governo estadual.

¹⁸ Coleção BAND..., 25 mar. 1938.



Figura 3 - Fotografia da Placa de bronze a Hermano Ribeiro da Silva. Fonte: Série Viagem da Embaixada Universitária Paulista, Subsérie 1, Dossiê 4, Item 50.

Na cerimônia de inauguração estiveram presentes os acadêmicos Antônio Sylvio Cunha Bueno (presidente da Embaixada Universitária), Dario Cardoso (desembargador, representante do Interventor estadual Pedro Ludovico), Mario Romeu de Lucca (orador da Embaixada Universitária), prof. dr. Tarcisio Sousa Santos, autoridades goianas, massa popular (“numerosa população goiana”), sr. Caetano Barrilari (da colônia paulista em Goiânia). Cunha Bueno falou sobre a significação daquele “preito de saudade”. Dario Cardoso discorreu sobre a personalidade do “saudosos sertanista”. Mario de Lucca agradeceu à população de Goiânia que se associou àquela demonstração de saudade. Srta. Suzana Lellis Leite representou as moças da cidade, depositando no obelisco uma coberta de flores.

Aqui vale lembrar dos sentidos que a definição de monumento, dadas por Le Goff (1992, p. 535), pode englobar: “1) obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico etc.; 2) um momento funerário destinado a perpetuar a

recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”. No caso da placa memorativa a Hermano Ribeiro da Silva, trata-se de um monumento funerário destinado a recordar uma pessoa ou personagem. A coberta de flores realça ainda mais este caráter.

Compareceram à solenidade o Secretário Geral do Estado, dr. João Teixeira Alvares Junior; Secretário da Segurança Pública, dr. Gomes Pereira. Também estiveram presentes, entre as autoridades goianas, o dr. Coimbra Bueno (engenheiro chefe da Comissão Construtora de Goiânia), o prof. Venerando de Freitas (prefeito de Goiânia), o dr. Zoroastro Artiaga (diretor do Departamento de Administração Municipal), o dr. Vasco dos Reis (secretário do interior), o cel. Arnaldo Sarmiento (comandante da Polícia Militar), o dr. Câmara Filho (diretor do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica do Estado), entre outras autoridades.



Um telegrama enviado por Goiânia para o jornal “Diário Popular” informa o evento ocorrido: que a Embaixada, em viagem a Goiás, colocou um majestoso pedestal, em frente ao Palácio do Governo goiano, uma placa de bronze, enviada pelo jornal “O Estado de S. Paulo”, em homenagem ao “denodado sertanista (...) falecido recentemente, quando explorava com a bandeira ‘Anhanguera’, as selvas do hiterland brasileiro”¹⁹.

¹⁹ Coleção BAND..., 24 jan. 1938.

O sr. Pedro Ludovico pronuncia a seguinte oração durante a cerimônia (Coleção BAND..., 26 jan. 1938, grifo nosso):

Senhores Academicos e S. Professor Dr. Tarcisio Sousa Santos:

Muito folgo em receber a vossa visita no meu gabinete de trabalho e muito me alegra a vossa vinda à Goyania.

Em geral, quasi todos os que visitam são generosos nas suas apreciações, não porque vejam qualquer coisa notavel ou grandiosa nas construcções desta cidade; mas, porque recordam-se das nossas pequenas, insignificantes possibilidades financeiras, *das nossas distancias dos centros civilizados*, dos nossos reduzidos meios de transporte, e, então, se admiram do nosso arrojo e da nossa tenacidade em levar avante a obra que vêdes.

Alguns, *fatigados da vida intensa do litoral, das grandes metrópoles*, se impressionam com as perspectivas *destes horizontes vastos*, destas *campinas verdejantes, do primitivismo deste Brasil immenso*, vendo tudo com bôa vontade, com optimismo.

Estas florestas immensas na sua extensão de trezentos kilometros, são a sua seiva estuante* à lavoura que nos enriquece e nos alimenta e vão beijar as margens do Araguaya, com o seu osculo* fecundo e amigo, reflectindo nas suas praias sivissimas* o verde escuro do seu *potencial exuberante*.

Vós, meu amigos, que viveis em um grande nucleo de progresso e civilização, que habitaes a capital do mais rico e evoluido Estado do Brasil, se fôrdes á velha Europa nenhuma surpresa se vos deparará, tal a grandeza, tal a prosperidade de São Paulo.

[...]

Senhores academicos: Espero que o nosso contentamento, a nossa recepção a hospedes tão illustres, correspondam á gentileza do vosso gesto.

Pedro Ludovico, em seu discurso, chamou atenção para a distância entre o sertão goiano e os “centros civilizados” do litoral. Reiteradamente afirma estar Goiânia distante dos polos do desenvolvimento do país, das “grandes metrópoles”, haja vista São Paulo, descrito como um “grande núcleo de progresso e civilização”, “capital do mais rico e desenvolvido estado do Brasil”. Ao passo que Goiás apresenta esse “potencial da exuberância”, do verde, da terra, da lavoura, do rio Araguaia. A velha oposição: de um lado a natureza, de outro a cultura; de um lado o vazio, de outro a civilização, a modernidade, o progresso. No meio, a fronteira. Em expansão.

Representações dos bandeirantes e indígenas

Como já foi dito até aqui, os bandeirantes foram colocados como “desbravadores do sertão”, como “pioneiros”, como “criadores de cidades”, como responsáveis pela expansão territorial e pelo contorno atual das fronteiras nacionais. Por outro lado, os indígenas foram colocados como “criaturas a cristianizar”, moradores do sertão que necessitavam ser chamados à civilização, à modernidade.

Os indígenas não tiveram participação no processo de construção do monumento, mas foram citados nos documentos e, por isso, foram colocados aqui como agentes que, de forma indireta, contribuíram para sua construção. Algumas falas proferidas por intelectuais (poetas, escritores) representam os bandeirantes como deuses, figuras homéricas, como veremos adiante. Os argumentos para descoberta do sertão e desbravamento bandeirante envolvem: caça aos índios, para batizá-los, tornando-os cristãos; riquezas do meio ambiente (fauna, flora); riquezas minerais e econômicas; expansão territorial; extensão das fronteiras. O “*hiterland*” é um termo correntemente utilizado para se referir ao “sertão”, ao “lugar vazio” que precisava ser “descoberto”: nesse sentido, o bandeirismo surge como um segundo ato da colonização portuguesa no Brasil, a partir dos documentos.

Nesse processo, ainda é percebido o processo de invisibilidade e visibilidade de certos personagens. Ainda é claro o jogo de lutas na escrita da história. Veremos, por exemplo, como os indígenas são representados ao lado do primitivismo da natureza a ser descoberta e desenvolvida, do passado cristalizado no tempo, ao passo que os bandeirantes paulistas são colocados do lado do progresso, do futuro, das promessas e esperanças para o Oeste. Vejamos de perto esses elementos.

Em pronunciamento à Rádio Bandeirante, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, dr. José Torres de Oliveira, entre os dias 19 e 23 de abril de 1938, afirmou o seguinte:

Ainda ha, nos recessos do nosso "hiterland", muita criatura humana a christianisar, muita riqueza a descobrir e revesar*, quer na fauna, quer na flóra, quer nas insondaveis profundezas da terra.²⁰

Pode-se inferir daí que as muitas “criaturas humanas a cristianizar” que o intelectual e presidente do IHGSP se refere são tribos e povos indígenas, que habitavam o “hiterland” (sertão) do país, sem contato com os grupos cristãos, civilizados, modernos.

²⁰ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 29.

Além disso, acrescenta as riquezas naturais que deveriam os bandeirantes explorar ou pelo menos abrir caminho. Traz um viajante francês, Saint-Hilaire, para testificar sua admiração a essa “raça de gigantes”²¹, e dizer da necessidade de um monumento que, “devidamente, lhes perpetue a memória”. E prossegue falando a quem esse “bloco de granito e bronze” deveria lembrar para as “gerações que seguem os rumos dos tempos”.

Numa direção semelhante, o poeta e jornalista, Corrêa Junior, pronuncia seu pomposo e florido discurso pela Rádio Cruzeiro do Sul ou Rádio Bandeirante (dois documentos se contradizem aqui), em São Paulo, compondo o ciclo de palestras radiofônicas da Campanha Pró-Monumento aos Bandeirantes. Iniciou seu discurso com “a alma paulista está sendo, mais uma vez, chamada a contemplar-se na transparência crystallina do seu glorioso passado histórico”²². “Glorioso passado histórico”, transparente e límpido, faz referência direta aos “deuses de gibão de couro e pulso de ferro, que levaram às matas virgens e misteriosas as primeiras carícias e os primeiros segredos da paixão desbravadora da raça”²³: os bandeirantes, aqueles “civilizadores de antanho”. O uso dessa metáfora sexual para pensar a terra virgem e o bandeirante, como elemento masculino, que a penetraria pela primeira vez, é recorrente na construção do imaginário bandeirantista (SOUZA, 2007).

Foi o desejo, a vontade firme e forte de uma raça eleita, ciosa de criar e construir, de civilizar e dilatar, de servir, desde cedo, a uma terra, a sua terra, que tinha sede de espaço, sede de glória.²⁴

Aqui os bandeirantes são colocados como uma “raça eleita”, com ganas a civilizar, dilatar, servir à sua terra que tinha “sede de espaço”, “sede de glória”. Vários elementos são trazidos neste pequeno trecho. Os bandeirantes são colocados como uma raça, e não somente isso, mas uma raça eleita, o que nos remete ao cristianismo. Essa raça particular estaria fadada a construir e criar, a civilizar e dilatar fronteiras, conquistar novos espaços, pois, serve a uma terra com “sede de espaço”, e o espaço é visto como sinônimo de glória; a conquista territorial como sinônimo de glória.

Disse ainda à Rádio Bandeirante o dr. Manuel Victor, em 11 de maio de 1938:

E a grande lição ficou dentro da raça como uma apothose! Hoje não se aclama o nome do Brasil sem que no fundo do seu passado, varonis e dantescos, trazendo em cada farrapo de carne um retalho de audacia,

²¹ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 29.

²² Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 30.

²³ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 30.

²⁴ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 30.

surjam os bandeirantes paulistas, como titans das fabulas para reivindicar um direito de applauso que está no sangue da terra... [480]

A raça dos bandeirantes paulistas aqui se deifica, é colocada entre os deuses, “varonis e dantescos”, dignos de uma lenda, “titãs das fábulas”, com direito ao aplauso e reconhecimento daqueles que habitam a terra por eles conquistada. O “espírito bandeirante” aparece ainda como “audácia, força, ideal”²⁵. E Goiânia como sendo “o sitio escolhido para assentamento do monumento que repetirá na eternidade a odisséia epica daquelles brasileiros super-fortes e bravos.”²⁶.

Atrelada a essa questão dos bandeirantes vistos enquanto uma raça está a questão racial propriamente dita. Um dos documentos trata dos bandeirantes como “homens de sangue europeu mesclado com indígena, tambem chamados bandeirantes.”²⁷. Nota-se a forte presença do argumento da mestiçagem pelos intelectuais e acadêmicos que estiveram a frente desta empreitada.

A importância deste monumento para a cidade é notável. Releituras foram feitas por artistas contemporâneos na cidade de Goiânia (Figura 4) deste bandeirante endeusado por intelectuais e acadêmicos paulistas nos anos 1938. Nelas a Estátua ao bandeirante pega fogo e as pessoas dançam ao seu redor, felizes, celebrando o ato. Em outras oportunidades, é hora de atear fogo diretamente à Estátua, em protestos sociais de manifestações políticas (Figura 5). A figura do desbravador é, então, posta em cheque.

²⁵ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 107.

²⁶ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 113.

²⁷ Coleção BAND, Série 1 - CPMB, Subsérie 4, Dossiê 1, Item 185.



Figura 4 - "Queima Diáb Vêi", (2019) - Fonte: Diogo Rustoff



Figura 5 - "Fogo no Anhanguera", (20--). Fonte: Autor desconhecido

Considerações Finais

De todo processo narrado, da viagem da Embaixada Universitária Paulista para Goiânia, da homenagem ao bandeirante Hermano Ribeiro da Silva, brota a ideia, nos meios acadêmicos e políticos, de construir o Monumento aos Bandeirantes na nova capital, na cidade de Goiânia, pioneira da modernidade no planalto central. A morte de Hermano provocou nos acadêmicos a necessidade de homenagear os bandeirantes, “mártires vitoriosos”, “guerreiros nacionais”.

As representações dos bandeirantes paulistas foram, como vimos, formuladas como “deuses de gibão e couro”, desbravadores, destemidos; como uma “raça de gigantes”, com sede de espaço, sede de glória; que merece a gratidão do Brasil por ter expandido e demarcado as fronteiras nacionais, com uma predestinação histórica para o heroísmo dos grandes feitos. Já as representações dos povos indígenas giravam em torno do primitivismo, do sertão a ser descoberto e desenvolvido, dos gentios (criaturas a cristianizar), dos nativos e habitantes da terra, da natureza com seu “potencial de exuberância”.



Figura 6 - Reencontro entre indígenas e bandeirante. Fonte: Elaboração da autora (2019)